

Ministério de Minas e Energia
Assessoria de Comunicação Social – ASCOM

Destaque: (em negrito) Matérias que citam o Ministro Bento Albuquerque ou o MME:

Sumário

VEÍCULO: O Estado de S. Paulo	2
Título: Planejamento sem paixões e intransigências	2
Título: ‘Fazer o que é certo não custa mais caro’	3
Título: Agronegócio sustentável.....	6
VEÍCULO: Folha de S. Paulo	8
Título: O Senado deve aprovar a proposta de abrir o mercado de gás para a iniciativa privada? Sim	8
Título: O Senado deve aprovar a proposta de abrir o mercado de gás para a iniciativa privada? Não	10
VEÍCULO: O Globo.....	11
Título: Luz no fim do túnel	11
Título: Maia: falta de diálogo com Guedes não atrapalha reformas	12
VEÍCULO: Correio Braziliense.....	13
Título: Mais urânio do que prevê acordo.....	13

VEÍCULO: O Estado de S. Paulo**Data: 05/09/2020****Seção: Opinião****Autor: Adriano Pires****Título: Planejamento sem paixões e intransigências**

A Califórnia é referência em geração limpa e renovável de eletricidade. Em razão disso, os recentes apagões ocorridos no Estado vêm ganhando repercussão no noticiário internacional. O que está acontecendo na Califórnia acende uma discussão que deveria ser feita, sem paixões e intransigências, sobre um equilíbrio entre a geração térmica e as renováveis. A Califórnia vem enfrentando, em pleno período de eleições presidenciais, problemas graves com a falta de energia e os aumentos no preço da eletricidade, que já é um dos mais elevados do mundo. No episódio recente, o Estado comunicou aos californianos o planejamento de apagões escalonados, com a finalidade de administrar a oferta e a demanda.

O desequilíbrio entre a geração e o consumo de eletricidade surgiu da combinação de uso pesado de aparelhos de ar-condicionado, da indisponibilidade não planejada de algumas usinas de energia, da limitação da importação de energia de Estados vizinhos e da insuficiente geração solar e eólica. Uma forte onda de calor que assolou o Estado acabou por questionar o planejamento do setor elétrico na opção pela alta dependência das fontes renováveis. Os defensores das renováveis no Estado enfatizam que a energia solar e a eólica se complementam: quando o sol deixa de brilhar, o vento sopra, e vice-versa. E, ainda que um recurso renovável esteja menos disponível, as linhas de transmissão podem transmitir eletricidade de outras regiões.

No entanto, o forte calor empurrou a demanda californiana de energia para níveis quase recordes, a geração solar ficou indisponível à noite, os ventos desaceleraram e a energia importada de outros Estados não foi suficiente. Ficou nítida a necessidade de acionamento da geração térmica para compensar a falta da geração renovável. O evento contou, ainda, com o desligamento inesperado de uma série de usinas de gás natural, cerca de 9GW, além da já reduzida capacidade nuclear. Olhando pelo retrovisor, o resultado parecia previsível. O Brasil também conta com uma considerável expansão das renováveis em sua matriz elétrica.

Esse movimento é notável no subsistema Nordeste, que conta basicamente com quatro fontes de oferta de energia: a eólica, a hidrelétrica, a termoeletrica e a importação dos outros subsistemas, em especial do Norte. A entrada em operação das hidrelétricas da Região Norte auxilia a oferta no Nordeste, porém são fluxos sazonais, pois são usinas a fio d'água, que geram energia apenas no

período úmido. As eólicas ganharam espaço no Nordeste e foram inseridas para dar suporte num momento de forte crise hídrica enfrentada pela região. A geração eólica nordestina representa cerca de 85% da geração nacional pela fonte.

Com o aumento da geração eólica e, futuramente, da energia solar, precisamos estar atentos à intermitência dessas fontes. Diante disso, sugerimos um planejamento que considere o suporte de térmicas a gás natural para assegurar o fornecimento energético. É importante a presença de termoelétricas flexíveis e inflexíveis funcionando como uma espécie de bateria virtual garantindo a expansão das renováveis com resiliência e segurança de abastecimento. O gás natural – a mais limpa das fontes fósseis – cumpre o papel de backup com custo baixo e maior eficiência. Em razão disso, uma lista significativa de países tem adotado uma visão complementar entre a expansão termoelétrica a gás natural (flexível e inflexível) e a renovável, com a lógica do bom senso que chamamos de E, e não de OU.

Segundo o governador da Califórnia, Gavin Newsom: “Vamos ser o mais claro possível: nós falhamos em prever e planejar essas faltas – e isso é simplesmente inaceitável”. Dois ensinamentos. O primeiro é a dúvida sobre quanto tempo ainda vamos viver a transição energética. O segundo é que uma matriz elétrica 100% limpa ainda é um desafio caro, arriscado e com incertezas sobre os caminhos que a tecnologia vai seguir. Portanto, na transição, não devemos e não podemos abrir mão da segurança energética e de tarifas adequadas ao nível de renda do consumidor. Este é o papel do gás natural e por isso é considerado a energia da transição.

DIRETOR DO CENTRO BRASILEIRO DE INFRAESTRUTURA (CBIE)

VEÍCULO: O Estado de S. Paulo

Data: 05/09/2020

Seção: Economia

Autor: Fernando Scheller Mônica Scaramuzzo

Título: ‘Fazer o que é certo não custa mais caro’

ENTREVISTA - Luis Henrique Guimarães, presidente da Cosan

Práticas ambientalmente corretas trazem eficiência e qualidade para os negócios, de acordo com o executivo

O presidente da Cosan, Luis Henrique Guimarães, afirmou nesta semana, durante a série de entrevistas ao vivo Retomada Verde, do Estadão, que produzir de forma ambientalmente correta não custa mais caro. Pelo contrário: na verdade, ele argumenta que o planejamento correto da forma de produção

pode trazer ganhos de eficiência e qualidade. Na visão do executivo que comanda o grupo que é proprietário de negócios como a Raízen (companhia de combustíveis que administra a marca Shell no Brasil) e a empresa de logística Rumo, entre outras, os empresários brasileiros precisam conhecer bem sua pegada de carbono para planejar investimentos em fontes renováveis e compensações ambientais pela emissão de gás carbônico.

“A gente precisa precificar como cada empresa está contribuindo (para o meio ambiente), seja do lado positivo ou do negativo.” Guimarães, no entanto, ressaltou que as severas críticas que o Brasil vem sofrendo nos últimos meses por seu mau desempenho no combate à destruição da Amazônia têm também um lado comercial. “Temos regras, leis e regulações que devem ser cumpridas. O desmatamento prejudica a imagem do País”, disse. “Mas também temos de tomar cuidado porque, por trás de vários desses comentários, há algum interesse comercial. O mercado agrícola mundial é muito protecionista.” Leia, a seguir, os principais trechos da entrevista.

O agronegócio é hoje visto internacionalmente como um vilão do desmatamento no Brasil. Como mudar essa imagem?

Temos todos os atributos para nos tornarmos uma potência verde, dada a qualidade da nossa matriz energética e de transporte: 45% da matriz é renovável, enquanto a média mundial é de 3%. Agora, como em todos os países, você tem uma pequena minoria que faz a coisa errada. No fundo estamos pagando a conta da pequena minoria que desmata ilegalmente. Temos hoje uma agricultura muito responsável. Nosso código florestal e nossas leis ambientais são das mais desenvolvidas do mundo. É preciso tomar cuidado para não sermos vilanizados por coisas feitas por um pedaço (das empresas). É preciso combater a ilegalidade de uma maneira muito dura.

Há a visão de que o governo brasileiro é leniente com o desmatamento. O sr. acha que o governo quer mesmo impedir o desmatamento?

Se a sociedade quiser, de uma maneira ou de outra, a coisa vai acontecer. O Estado brasileiro pode ser mais rápido ou mais lento, mas acho que o Estado quer (combater o desmatamento). Estou falando de uma questão de País, que deve perdurar, independentemente de quem estiver no poder. É uma decisão da nossa sociedade de querer fazer isso.

Como a Cosan tem discutido essas questões de sustentabilidade dentro de seu setor?

O principal valor do biocombustível é a sua capacidade de tornar a economia circular. A Raízen vem fazendo um projeto amplo de desenvolvimento de

biogás. Para cada litro de etanol, são produzidos 12 litros de vinhaça – água que está na planta como matéria orgânica incorporada. O Brasil produz mais de 30 bilhões de litros de etanol e 360 bilhões de litros de vinhaça. Estamos aproveitando esse subproduto para produzir biogás a ser utilizado em equipamentos ou para gerar energia elétrica. Tem também toda a questão do etanol de segunda geração, com pegada de carbono ainda menor do que o etanol de primeira geração.

E o que mais pode ser feito nesse sentido?

E trabalhamos muito na eficiência (da produção), porque fazer a mesma coisa com menos consumo de combustível e mais eficiência logística é também preservar o ambiente e gerar uma pegada de carbono menor.

O Brasil tem hoje a segunda matriz energética mais limpa do mundo, atrás somente da Noruega. Mas o País perde na questão do desmatamento. O setor privado pode ajudar nesse processo?

Tudo o que é ilegal tem de ser combatido. Temos regras, leis e regulações que devem ser cumpridas. O desmatamento prejudica a imagem do País, mas também temos de tomar cuidado porque, por trás de vários desses comentários, há algum interesse comercial. O mercado agrícola mundial é muito protecionista. O Brasil tem vantagem competitiva no açúcar, claramente é o produtor de menor custo. Há barreiras enormes em vários países do mundo. Não podemos ser inocentes.

A Cosan tem ajudado a fazer o controle de seus fornecedores de cana para evitar plantio em áreas ilegais e trabalho escravo?

Temos dois programas. Fomos a primeira empresa no Brasil a adotar um processo de certificação global em relação a práticas de manejo da lavoura. Fizemos uma certificação da nossa cana própria – 50% da cana da Raízen é nossa. Fizemos o trabalho inicial de criação da Raízen com certificação progressiva. Hoje falta um pedaço muito pequeno, só uma usina para ser certificada. Em paralelo, há cinco anos, iniciamos o programa Elo. Fazemos o mesmo processo com o nosso fornecedor: a gente certifica, orienta, treina e auxilia. E eles vão subindo do nível 1, para 2, 3 e 4. Fazer o (ambientalmente) certo não custa mais caro. Você ganha em eficiência, em qualidade.

Além da questão ambiental, como vocês trabalham os pilares sociais e de governança, que compõem o moderno conceito de sustentabilidade, na Cosan?

Na questão da governança, temos as práticas de uma empresa listada (na Bolsa de Valores) do Brasil e do exterior. E agora estamos evoluindo na simplificação da nossa estrutura organizacional. Um trabalho grande (atual) é melhorar a

diversidade em seus vários aspectos: orientação sexual, raça, gênero etc. Temos um déficit grande e a gente vem trabalhando (para corrigi-lo). Não trabalhamos com sistema de cota porque não achamos que é a melhor orientação. A grande questão é de representatividade nas posições de liderança, que é o mais difícil.

O mercado sucroalcooleiro foi pioneiro na discussão de créditos de carbono. Como estão as discussões hoje?

O RenovaBio traduziu o mecanismo de mercado altamente eficiente que vai premiar os players que investirem mais. Nem todo etanol produzido vai gerar o mesmo produto, vai depender do seu processo. Uma usina eficiente vai ter mais créditos do que outra (menos eficiente). Os mecanismos de transação estão prontos. Precisa começar a rodar. Infelizmente a pandemia nos pegou no meio do caminho. Estamos confiantes que no último trimestre a gente veja esse mercado pegando tração. A gente precisa precificar como cada empresa está contribuindo (para o meio ambiente), seja do lado positivo ou do negativo.

Tivemos a divulgação do PIB na terça-feira, dia 1º de setembro, com queda de 9,7% da economia no segundo trimestre. O que, em sua opinião, o Brasil deve fazer para voltar a crescer?

O mais importante é todo mundo entender que vamos conviver com esse assunto (pandemia de covid-19) por um período de tempo até que a vacina seja estabelecida. É viável, com os protocolos adequados, manter as operações voltando ao normal. Do ponto de vista das pessoas e dos negócios, garantir que a volta seja feita com qualidade é muito importante. Saúde e economia precisam agir juntas. O segundo semestre vai se provar melhor que o fosso (econômico), que foi em abril.

VEÍCULO: O Estado de S. Paulo

Data: 05/09/2020

Seção: Notas e Informações

Autor:

Título: Agronegócio sustentável

O desmatamento ilegal tem de ser combatido com energia e rigor. Primeiro pela importância das reservas naturais em si, depois pelos estragos que as atividades criminosas, combinadas à desídia do governo, têm causado à reputação do Brasil. O mesmo rigor e energia precisam ser aplicados no combate ao oportunismo de políticos e produtores estrangeiros que cooptam a justa indignação da opinião pública com o desmatamento para abocanhar fatias do eleitorado e do mercado. As crescentes ameaças de boicote à agropecuária nacional são em grande medida injustas. Primeiro porque o País ainda conta

com uma cobertura de vegetação nativa incomparável. Mas, sobretudo, porque o agronegócio tem dado verdadeiros saltos de sustentabilidade.

Uma série de reportagens do Estado para o projeto “Retomada Verde” mostra que é cada vez mais viável combinar produção e preservação em doses industriais. O agronegócio não precisa da Amazônia para crescer, apontou Pedro de Camargo Neto, ex-presidente da Sociedade Rural Brasileira. Segundo um levantamento publicado na revista Science, menos de 2% dos produtores são responsáveis por 62% do desmatamento ilegal na Amazônia e no Cerrado. Como afirma Marcos Jank, do Insper, o desmatamento ilegal não é de natureza agrícola, e sim uma questão fundiária.

Lamentavelmente, este debate está envolto por um ruído contraproducente, causado em grande parte por entidades ambientalistas que, por ignorância ou radicalismo, demonizam toda tentativa de modernizar a legislação como incentivo ao desmatamento e à grilagem. Isso acaba por alijar boa parte dos pequenos produtores de seus direitos e o poder público de mecanismos de responsabilização. À parte esse problema histórico, a bioeconomia na Amazônia, ou seja, os sistemas de produção baseados no uso e conservação de recursos biológicos da floresta em pé, tem feito progressos notáveis.

Expandem-se, por exemplo, as plantações de café ou cacau em áreas sombreadas pela floresta. Segundo a WRI Brasil, 74% das atividades extrativistas não exaustivas (a partir de sementes, folhas, frutos e óleos) estão na Amazônia. Além de não derrubarem uma árvore, estas atividades são mais lucrativas do que aquelas relacionadas aos desmatamentos. Enquanto a pecuária rende anualmente apenas R\$ 1.250 por hectare e a rotação de soja e milho rende R\$ 1.762, o cultivo de produtos nativos traz uma renda média para as pequenas propriedades de R\$ 3.100. Só o açaí gera US\$ 1 bilhão por ano para a economia da Amazônia.

“Já é um fator econômico do tamanho da exploração da madeira”, afirma Carlos Nobre, idealizador do projeto Amazônia 4.0, “e beneficia muito mais gente.” O desafio ainda é dar escala a esta produção. Mas os avanços no processamento destes produtos para abastecer a cadeia produtiva de grandes indústrias são promissores. A promoção da bioeconomia na Amazônia também passa por projetos de infraestrutura e de mecanismos de compensação por serviços ambientais prestados pelos produtores.

O Instituto de Conservação e Desenvolvimento Sustentável da Amazônia tem selecionado empreendedores para participar de cursos de capacitação, monitorias e oficinas sobre como conciliar produção e conservação. Muitos receberam investimentos híbridos, parte do mercado, parte da filantropia. Algo similar tem sido realizado na zona cacauera da Bahia. Por meio de parcerias

público-privadas, o Instituto Arapyaú tem incentivado a produção e a educação das comunidades locais.

Enquanto isso, a agropecuária também progride por todo o País. Um exemplo é a expansão da produção de frango e gado criados soltos, sem estresse e sem antibióticos. Outro é o uso de inseticidas orgânicos. Como disse Marcos Jank, o Brasil tem total condição de liderar o processo da agricultura mais sustentável do mundo.

Práticas como as apontadas acima – e outras, como o plantio direto, a integração lavoura-pecuária-floresta, a produção de biocombustíveis ou a agricultura de baixo carbono – permitem tomar essa afirmação não como uma alevisia ufanista, mas sim como uma visão plenamente realista.

VEÍCULO: Folha de S. Paulo

Data: 05/09/2020

Seção: Tendências/Debates

Autor: Clarissa Lins e Luiz Costamilan Presidente do Instituto Brasileiro de Petróleo e Gás (IBP) Luiz Costamilan Secretário-executivo de Gás Natural do IBP

Título: O Senado deve aprovar a proposta de abrir o mercado de gás para a iniciativa privada? Sim

Concorrência atrairá investimentos e reduzirá custos de produção industrial

A sociedade brasileira tem uma oportunidade ímpar para transformar o setor de energia com grande repercussão positiva na economia e em diversos setores: a abertura do mercado de gás natural, em debate no Congresso Nacional. A palavra-chave dessa grande mudança é a competição. Com o fim da situação atual de um único fornecedor, o insumo ficará mais acessível, impulsionando o desenvolvimento e a reindustrialização do país.

Sem reservas de mercado e eventuais subsídios, o gás natural a preços competitivos atrairá mais investimentos, gerará mais empregos e reduzirá o custo de produção de um número imenso de produtos — com benefícios para todos os consumidores brasileiros.

Por esses motivos, há uma expectativa em diversos segmentos industriais, especialistas e governo de que o Senado, após análise e deliberação, confirme a aprovação ocorrida na terça-feira (1º), na Câmara, do projeto de lei 6.407/13, conhecido como “Nova Lei do Gás”. A convergência em torno do texto aprovado foi construída ao longo de quatro anos de profundas discussões.

Com a abertura do mercado, o Brasil passará a contar com mais de uma dezena de fornecedores de gás natural. O projeto de lei é revolucionário, pois abre

caminho para que novos agentes ofertem, transportem e comercializem o gás. As novas regras vão estimular ainda a produção das reservas do pré-sal, convertendo-as mais rapidamente em riqueza para o país, com ganhos na arrecadação para União, estados e municípios.

O gás natural é também uma peça-chave na transição energética e fundamental para descarbonização da economia, pois é o combustível que menos emite entre as alternativas de origem fóssil, usadas na geração de energia e pela indústria.

Matéria-prima ou combustível para fertilizantes, indústria química, siderurgia, vidros e cerâmica, entre outros, o gás natural em bases competitivas atrairá novas fábricas desses e de outros setores industriais para o país.

No setor elétrico, térmicas a gás natural são imprescindíveis para o equilíbrio e a complementaridade do sistema elétrico brasileiro, centrado em fontes renováveis que não geram energia de forma contínua.

Mas, para que todos esses benefícios se materializem, é indispensável assegurar a promoção da concorrência, ponto fundamental do projeto. Aí situam-se o acesso livre e não discriminatório às redes de transporte e de distribuição, garantindo ao grande consumidor a escolha de seu fornecedor de gás natural — além da desverticalização do segmento, com diferentes atores atuando em cada elo da cadeia.

O Conselho Administrativo de Defesa Econômica (Cade) sinalizou o caminho nesse sentido, com o acordo firmado (TCC) para a Petrobras vender seus ativos de transporte e distribuição.

Com a melhora do ambiente de negócios e a segurança jurídica que a proposta traz, investimentos em termelétricas e gasodutos acontecerão para atender à demanda crescente — sem subsídios para a instalação de infraestrutura, que sempre oneram a tarifa e o bolso dos consumidores.

Outra virtude dessa iniciativa legislativa é preservar a hegemonia das unidades da Federação com relação aos serviços locais de gás canalizado. Cada estado estabelecerá suas regras, mas é importante ressaltar que tendem a sair na frente aqueles que regulamentarem a figura do consumidor livre, fundamental para estimular a concorrência na oferta de gás.

Esse novo arcabouço regulatório recupera o atraso de mais de uma década no desenvolvimento do setor de gás natural e explicita as vantagens de uma competição saudável — um valor cada vez mais percebido pela sociedade.

VEÍCULO: Folha de S. Paulo**Data:** 05/09/2020**Seção:** Tendências/Debates**Autor:** Carlos Zarattini Economista formado pela USP é deputado federal (PT-SP) e líder da minoria no Congresso**Título:** O Senado deve aprovar a proposta de abrir o mercado de gás para a iniciativa privada? Não

Sem projeto de infraestrutura robusto, governo ignora as limitações logísticas

O Brasil tem grandes reservas de gás natural e produção suficiente para atender todo o mercado nacional. Entretanto, importamos gás liquefeito da Bolívia e de outros países porque não temos estrutura de escoamento nas plataformas e gasodutos para transporte, especialmente no interior do país. Hoje, quase 50% da nossa produção em poços de exploração do pré-sal é reinjetada no subsolo. Ou seja, a produção nacional é descartada por falta de infra-estrutura de escoamento sem gerar arrecadação e royalties.

Todo mundo sabe que a exploração do gás natural tanto no sistema offshore (alto-mar nas camadas do pré-sal) como onshore (exploração em terra) é importante para o desenvolvimento econômico do Brasil e pode gerar emprego e renda. Mas seguimos importando gás e desperdiçando uma riqueza extraordinária por falta de uma política nacional de desenvolvimento.

Na contramão das necessidades do setor de gás, o desgoverno Bolsonaro privatizou a nossa já escassa rede de gasodutos (só falta um gasoduto ser vendido) e agora aprovou na Câmara dos Deputados a falaciosa “Nova Lei do Gás” como solução para os problemas. A proposta que tramita no Congresso prevê o fim do monopólio das distribuidoras de gás nos estados e joga para a iniciativa privada a infraestrutura de transporte. Porém, até hoje, só quem investiu na construção de gasodutos foi a Petrobras, ou seja, investimento estatal. Com dimensões continentais, o Brasil tem apenas 9.400 km de dutos, enquanto a Argentina, por exemplo, tem 16 mil km.

Desde que assumiu como ministro da Economia, Paulo Guedes repete o mantra de que a iniciativa privada iria assumir as obras de infraestrutura no Brasil, onde, sob a gestão de um ultraliberal, os investimentos jorrariam. Mas a verdade é que o governo até agora foi incapaz de atrair o setor privado.

Concessões seguem paradas diante da incapacidade do governo de articular e promover propostas atraentes, fora a crise política constante, que afugenta os investidores. Então, por que agora Guedes vai conseguir a façanha de garantir

que empresas façam investimentos milionários no sistema de gás sem qualquer garantia de retorno e de lucro?

Guedes ignora a importância dos gasodutos e ainda apresenta mais uma das suas ideias mirabolantes sem qualquer estudo técnico sério: transportar o gás pelas ferrovias e caminhões. Mais uma vez o ministro se enche de discurso vazio.

Para garantir apoio no Congresso, o governo comercializa a ideia de que a nova legislação vai gerar R\$ 60 bilhões em investimentos, quatro milhões de empregos, gás mais barato para a indústria e botijão apreço melhor para o consumidor final. Mas tudo isso é conversa mole.

A verdade é que a Lei do Gás não responde como será solucionado o problema de falta de gasoduto de transporte e a ausência de estrutura de escoamento nas plataformas; e não traz, também, uma política de desenvolvimento no médio e longo prazo para o setor. A proposta apenas vende a falsa sensação de que uma nova legislação vai garantir retomada do crescimento e investimentos privados. Mas não existe no projeto nenhuma política pública que incentive a universalização do gás.

Esse é mais um discurso mentiroso da dupla Guedes e Bolsonaro e que precisa ser combatido. A Lei do Gás é mais do mesmo e não resolve nenhum dos problemas do setor. Só com um projeto de infraestrutura robusto seremos capazes de colocar fim às limitações logísticas e usufruir dessa riqueza nacional tão abundante.

VEÍCULO: O Globo

Data: 05/09/2020

Seção: Colunas

Autor: Ancelmo Gois

Título: Luz no fim do túnel

Em evento virtual com líderes e profissionais do setor elétrico, o diretor-geral do Operador Nacional do Sistema Elétrico (ONS), Luiz Carlos Ciochi, antecipou que o consumo de eletricidade no Brasil, em agosto, foi 0,3% maior se comparado com o mesmo mês de 2019. Já setembro aponta para uma alta de 2,4% no uso de energia frente a agosto. O consumo de eletricidade é tradicionalmente associado ao desempenho da economia.

No mais...

Ontem, a Frente Parlamentar da Agropecuária (FPA) manifestou preocupação com pressões feitas pelo governo e iniciativa privada dos EUA para que o Brasil

“zere as tarifas de importação de etanol, sem qualquer contrapartida evidente”. Na outra ponta, Trump anunciou que vai reduzir a quota para importações do aço semi-acabado do Brasil. Este tipo de parceria é conhecida em Frei Paulo como aliança “Caracu”. Um entra com a cara, o outro...

VEÍCULO: O Globo

Data: 05/09/2020

Seção: Economia

Autor: MANOEL VENTURA E GERALDA DOCA BRASÍLIA

Título: Maia: falta de diálogo com Guedes não atrapalha reformas

Presidente da Câmara encerrou a interlocução com o ministro da Economia

Um dia após revelar que rompeu com o ministro da Economia, Paulo Guedes, o presidente da Câmara, Rodrigo Maia (DEM-RJ), afirmou ontem que o novo conflito com o chefe da equipe econômica não afetará o avanço das reformas no Congresso.

— Não atrapalha (a agenda econômica). Tivemos problemas na Previdência, mas a pauta andou — disse Maia.

Em entrevista à GloboNews, Maia afirmou na quinta-feira, após a entrega da reforma administrativa, que a interlocução com o ministro da Economia estava encerrada. O deputado disse que Guedes estaria proibindo seus auxiliares de se encontrarem com ele. A interlocução agora será com o ministro da Secretaria de Governo, Luiz Eduardo Ramos.

Maia marcou encontro com os deputados Pedro Paulo (DEM-RJ) e Mauro Benevides (PDT-CE) e com o assessor especial de Guedes Esteves Colnago e o secretário do Tesouro, Bruno Funchal, para tratar do plano de socorro a estados. Um dia antes da reunião, Maia foi informado de que os auxiliares de Guedes não poderiam participar do encontro por decisão do ministro.

QUEM REPRESENTA O GOVERNO

Assessores dizem que Guedes quer concentrar as conversas com o novo líder do governo na Câmara, o deputado Ricardo Barros (PP-PR). Este, por sua vez, afirmou, em entrevista ao site Jota, que a articulação direta da equipe econômica com o Congresso gerava muita confusão e que ele e o ministro Ramos passarão a trazer para o presidente da Câmara a posição de governo. Barros citou o exemplo alei do gás:

— A Economia estava de acordo com algumas alterações do texto, mas Minas e Energia não, e o governo decidiu acompanhar Minas e Energia. Então, chega

no plenário uma conversa truncada. Não é o governo que está de acordo, é a Economia. Então, para evitar esses desgastes, melhor que a interlocução seja feita por quem representa o governo como um todo e não só parte do governo.

VEÍCULO: Correio Braziliense

Data: 05/09/2020

Seção: Mundo

Autor: Silvio Queiroz

Título: Mais urânio do que prevê acordo

Conexão diplomática

A Agência Internacional de Energia Atômica (AIEA) informou, ontem, que o Irã ultrapassou 10 vezes o limite de armazenamento de urânio enriquecido estabelecido no acordo nuclear, celebrado em 2015 com grandes potências ocidentais. De acordo com um relatório feito por especialistas, a República Islâmica tem reservas de 2.105,4 kg de urânio enriquecido — pelo pacto, o teto seria de 202,8 kg.

O armazenamento superior ao combinado há cinco anos é reflexo do desgaste ocorrido após a retirada dos Estados Unidos do pacto, em 2018. Em resposta, Teerã sentiu-se desobrigado a continuar seguindo os termos do acordo, limitando a cooperação com a AIEA. Sobretudo depois que Washington voltou a impor sanções contra o país.

A agência das Nações Unidas assinalou no relatório que seus técnicos estiveram uma das duas instalações nucleares iranianas que possuem reservas acima do acordado. Amostras foram coletadas pelos inspetores e serão analisadas. A segunda instalação será visitada ainda este mês.

Segundo um diplomata consultado pela agência de notícias France-Presse, serão necessários três meses para que os resultados das amostras estejam disponíveis.

Desde o último relatório publicado pela agência, em junho, Teerã não reduziu suas atividades nucleares, segundo constataram os inspetores. Há três meses, a reserva de urânio era oito vezes superiores ao limite.

Pressão

Nesse contexto, aumenta a pressão norte-americana sobre o Irã. Em 21 de agosto, Washington, que também quer prorrogar o embargo de armas que expira em outubro, tentou estabelecer outras medidas contra o país. As sanções

propostas pelo governo de Donald Trump foram votadas na ONU, mas encontraram rejeição de seus aliados europeus, da China e da Rússia.

Entretanto, a falta de cooperação iraniana vinha abalando essa resistência. Durante meses, a AIEA pediu para entrar em duas instalações nucleares para fazer inspeções, mas Teerã posicionou-se contra, o que tornava o apoio dos países europeus cada vez mais insustentável.

Em meados de fevereiro, autoridades iranianas chegaram a declarar que estavam disposta a cancelar todas ou parte das medidas tomadas para se desassociar do acordo, exceto se a Europa lhe garantisse vantagens econômicas significativas em troca.

O acordo de 2015 assegurou ao Irã o levantamento de parte das sanções internacionais, em troca de garantias que comprovem o caráter exclusivamente civil de seu programa nuclear.

CAPAS DE JORNAIS

O ESTADO DE S. PAULO

Sábado 5 DE SETEMBRO DE 2020 R\$ 5,00 ANO 141 Nº 46344 estadão.com.br

FUNDADO EM 1875 JULIO MESQUITA (1886 - 1947)

NA QUARENTENA
'SOU UM DEPÓSITO DE MEMÓRIAS'
Escritor Leonardo Padura fala sobre novo livro. PÁG. H1

A MAIOR FEIRA LATINA DE ARTE, ONLINE
Em cinco dias, SP-Arte atrai 56 mil visitantes - 15% são estrangeiros. PÁG. H2

Esportes
MESSI FICA MAIS UM ANO NO BARCELONA
Craque decide cumprir contrato, mas critica presidente do clube. PÁG. A24

China e dólar levam a alta de preços de alimentos no Brasil

Aumento do custo de itens da cesta básica faz Jair Bolsonaro apelar a 'patriotismo' de donos de supermercados

A desvalorização de quase 40% do real nos últimos 12 meses e a decisão da China de fazer estoques estratégicos provocaram explosão nos preços dos alimentos para o consumidor brasileiro. Isso levou, nos últimos dias, a uma negociação entre supermercados e fornecedores para tentar conter os repasses de preços no varejo. No ano, até

junho, o arroz subiu 15,7% e o óleo de soja, 8,4% - a inflação foi de 0,46%. Em 12 meses, as carnes ficaram 75,9% mais caras, o açúcar teve alta de 13,1%, o frango, de 10,8%, e o óleo de soja, de 10,7%. Em 12 meses, o índice de inflação dos alimentos no atacado foi de 15,02% e no varejo, de 8,5%. No mesmo período, a inflação do País ficou em 2,31%. Jair

Bolsonaro disse ontem que não pensa em "dar canetada em lugar nenhum", mas tem conversado com associações de supermercados para tentar baixar os preços de produtos da cesta básica. As compras chinesas de alimentos injetaram US\$ 24 bilhões no Brasil entre janeiro e julho, recorde para o período. ECONOMIA / PÁGS. B1 e B4

“Estou conversando para ver se os produtos da cesta básica... Estou pedindo um sacrifício, patriotismo para os grandes donos de supermercados para manter na menor margem de lucro”
JAIR BOLSONARO

País tem pior resultado de vacinação em seis anos

Sete das nove vacinas indicadas para bebês tiveram, em 2019, os piores índices de cobertura pelo menos desde 2013 no País. Em alguns casos, como os dos imunizantes contra tuberculose (BCG) e poliomielite, o percentual de crianças vacinadas foi o menor em mais de 20 anos. Para especialistas, os principais motivos são baixa percepção de risco da população sobre doenças e dificuldades no acesso ao imunizante. METRÓPOLE / PÁG. A18

Feriado com estradas cheias

Movimento intenso de veículos marcou a decisão pela Rodovia dos Imigrantes na noite de ontem. Cidadãos do litoral se organizaram e pediram reforço de policiamento, mas a previsão é de aglomeração nas praças paulistas durante o fim de semana prolongado. METRÓPOLE / PÁG. A22



Juíza proíbe exibição de documentos de 'rachadinhas'

A juíza Cristina Serra Feijó, do Tribunal de Justiça do Rio, proibiu a TV Globo de exibir qualquer documento ou peça do processo referente à investigação das "rachadinhas" envolvendo o senador Flávio Bolsonaro (Republicanos-RJ). A Associação Nacional de Jornais (ANJ) protestou contra a censura imposta pela juíza e disse que a decisão "atenta contra a liberdade de imprensa". POLÍTICA / PÁG. A8

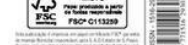
● Procurador deixa Greenfield Anselmo Lopes, que integrava a operação contra corrupção desde o início, anuncia saída e reclama de decisões tomadas pela PGR. PÁG. A8

A pandemia no Brasil (levantamento do consórcio de imprensa)

TOTAL DE MORTES	125.584
NOVOS REGISTROS DE MORTES EM 24h. ATÉ AS 20h DE ONTEM	855
MÉDIA MÓVEL DE MORTES (7 DIAS)	856
TOTAL DE TESTES POSITIVOS	4.086.716
NOVOS CASOS DE TESTES POSITIVOS EM 24h. ATÉ AS 20h DE ONTEM	40.566
TOTAL DE RECUPERADOS*	3.278.918

*NÚMERO DE RECUPERADOS DA SAÚDE

Tempo em SP 18º Mín. 28º Máx.



Retomada Verde

Mourão admite erro na Amazônia e promete reduzir fogo e desmate

O vice-presidente, Hamilton Mourão, admitiu ontem, durante o evento Retomada Verde, do Estadão, que as Forças Armadas entraram tarde no combate à destruição da Ama-

zônia. "É um mea culpa que faço", disse. Ele se comprometeu a apresentar já em setembro um plano de desmatamento e incêndios abaixo da "média ou dos mínimos históricos". METRÓPOLE / PÁG. A23

Fernando Reinach
É necessário utilizar testes capazes de detectar os anticorpos que são produzidos por muitos meses ou talvez anos. METRÓPOLE / PÁG. A18

Adriana Fernandes
Tramitação de múltiplas reformas no Congresso pode abrir a porta para "jabutis" que minam as contas públicas. ECONOMIA / PÁG. B4

Cabral e 'Cabeça Branca' BENS DO CRIME RENDEM R\$ 100 MI

Ouro e diamantes de Sérgio Cabral e dólares do narcotraficante "Cabeça Branca" fizeram com que o Fundo Nacional Antidrogas recebesse R\$ 101 milhões. POLÍTICA / PÁG. A8

Marcelo Rubens Paiva
É papo-furado pretender diagnosticar o que rola com "as crianças" na pandemia. Cada qual vive com a própria alegria e dor. NA QUARENTENA / PÁG. H6

NOTAS E INFORMAÇÕES

Desinteresse manifesto

A ausência do presidente e de seu "superministro" da Economia no ato de entrega de uma reforma crucial é indicativo de que a proposta talvez não seja para valer. PÁG. A3

Agronegócio sustentável
Numa visão plenamente realista, o Brasil tem condição de liderar o processo da agropecuária mais sustentável do mundo. PÁG. A3

VOCÊ ESTÁ PRESTES A CONHECER
O MAIOR PROJETO URBANÍSTICO
EM DESENVOLVIMENTO NA AMÉRICA LATINA.



O MUNDO SE ENCONTRA AQUI.
VerCapas.com.br

FOLHA DE S. PAULO

DESDE 1921 ★★★★★ UM JORNAL A SERVIÇO DA DEMOCRACIA

ANO 100 ★ Nº 33.393

SÁBADO, 5 DE SETEMBRO DE 2020

R\$ 5,00

ENTREVISTA Wilson Witzel

Rio está sob uma intervenção branca do governo federal

Longe do cargo de governador há uma semana, Wilson Witzel (PSC) afirma que o Rio de Janeiro vive uma "intervenção branca" do governo federal após a cúpula política fluminense ter sido alvo da operação que o afastou do Palácio Guanabara.

Witzel diz a Catia Seabra e Italo Nogueira que é inocente e declara que somente um "sujeito sobrenatural" seria capaz de governar o estado e evitar corrupção na máquina pública. "O Rio não é para amador nem para profissional". Poder A4 e A6

Esporte B14

Messi fica no Barça

Após o Barcelona negar a liberação de Lionel Messi sem a cobrança de multa de € 700 milhões (cerca de R\$ 4,3 bilhões), o jogador anunciou que permanecerá no clube catalão ao menos até o fim de seu contrato, em junho de 2021.

Bolsonaro pede 'patriotismo' contra alta da cesta básica

Presidente quer evitar que supermercados repassem custos ao consumidor; para analistas, fala é infundada

Um dia após os supermercados alertarem sobre uma alta de 20% no custo dos alimentos que compõem a cesta básica e cobrarem o governo por uma solução, Jair Bolsonaro pediu "patriotismo" para evitar o repasse ao consumidor, mas negou que vá dar "canetadas" para segurar os preços. Ele afirmou estar em diálogo com as grandes redes.

O movimento inflacionário tem sido alvo de queixa constante nas redes sociais do presidente, especialmente relacionadas à decisão de reduzir para R\$ 300 o valor do auxílio emergencial que será pago até dezembro. Bolsonaro atribuiu a pressão sobre esses produtos ao pagamento do benefício, que levou as pessoas a gastarem "um pouco mais".

Para analistas, o pedido aos empresários é infundado em uma economia de livre mercado, e a fala ecoa tentativas de controle da inflação dos anos 1980, como os "fiscals do Sarney". A Associação Brasileira de Supermercados informou que não comentaria a declaração. A entidade aguarda reunião com o governo na próxima semana. Mercado A21

Cristina Serra Suas excelências e a reforma

O cerne da reforma administrativa deve ser melhorar o serviço público. Uma reforma crível tem de acabar com regalias e benesses inaceitáveis, implantar transparência na prestação de contas e respeitar o contribuinte. Opinião A2

Afastado de Maia, Guedes delega diálogo ao Planalto

Em atrito com o presidente da Câmara, Rodrigo Maia, e sob pressão, Paulo Guedes (Economia) se afastou da tarefa de negociar as reformas enviadas ao Congresso. A missão deve ficar com a ala política do Planalto. Mercado A23

Ilustrada B8 Plano de taxar livros isola o Brasil de países vizinhos e de emergentes

Ilustrada B11 Montenegro e Torres vivem mãe e filha em série de televisão

Vacina russa é promissora, mas requer mais testes

O primeiro trabalho científico publicado em revista internacional sobre a vacina russa contra a Covid-19 registrou resultados promissores. Um balanço das fases 1 e 2 de estudos da chamada Sputnik V foi publicado na britânica The Lancet. O medicamento aplicado em duas doses teve eficácia de 100%. O artigo ressalva que são necessários mais testes para o imunizante ser considerado eficaz. Saúde B2



Pedro Ladeira/Folhapress

ESCÂNDALO EM TEMPLO CATÓLICO EXPÕE OBRA BILIONÁRIA INACABADA EM GOIÁS

Construção do novo Santuário Basílica do Divino Pai Eterno, em Trindade, é investigada por superfaturamento, com suspeitas de desvio de doações Cotidiano B6

Cinco regiões paulistas vão para a fase amarela

Saúde B1

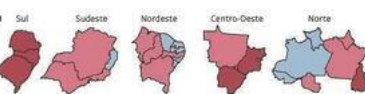
Pandemia no Brasil

Brasil	Total	Óbitos	Variação**	Enxig
Casos	4,1 mil	39,7 mil	7,9%	
Óbitos	125,6 mil	865	-12,9%	Estável

Dados dos 20h de 4 set. **Média móvel de 7 dias. ***Em relação a 14 dias

Estágios da pandemia

■ Acelerado
■ Estável
■ Desacelerado
■ Reduzido



Estados com mais óbitos

1º SP	31,1 mil
2º RJ	16,5 mil
3º CE	8,5 mil

Situação nos municípios

■ Acelerado	■ Estável
J. dos Guararapes (PE)	São Paulo (SP)
Porto Alegre (RS)	Rio de Janeiro (RJ)
Uberlândia (MG)	Salvador (BA)
Campo Grande (MS)	Brasília (DF)

Litoral de SP terá 'blitz sanitária' no feriado

Para minimizar efeitos da Covid, prefeitos do litoral norte paulista pretendem criar bloqueios sanitários de orientação no feriado de Sete de Setembro. B1

EDITORIAIS A2

O vírus do otimismo
Sobre os sinais de arrefecimento da epidemia.

Paisagem ameaçada
Acerca da flexibilização da Lei Cidade Limpa.

AUDIÊNCIA/MÊS

PÁGINAS VISTAS 189.213.054
VISITANTES ÚNICOS 35.510.663

ISSN 1678-7773
9 771414 572070

Rivaldo Gomes/Folhapress



Movimento na rodovia dos imigrantes na saída para o feriado

MÔNICA BERGAMO Interpol prende suspeito de ataque a Porta dos Fundos

A PF informou ontem que a Interpol em Moscou prendeu o empresário Eduardo Fauzi, apontado como um dos autores do ataque à sede do Porta dos Fundos, em dezembro. O processo para a extradição já foi iniciado. Ilustrada B9

Órgãos ambientais 'não têm pernas', diz Mourão
Vice afirmou ontem que Exército dá apoio logístico e segurança na Amazônia porque fiscais não teriam como combater sozinho os desmatamentos. B4

Pressão dos EUA contra o 5G chinês enfrenta
Dificuldade na África A17

A pedido de Flávio, Globo é proibida de exibir documentos

A pedido do senador Flávio Bolsonaro (República-DF), a Justiça do Rio expediu liminar proibindo a TV Globo de exibir documentos sigilosos de investigações sobre ele. O filho do presidente é alvo de apuração do MP do estado por suspeita de liderar "rachadinha". Poder A12

Após coluna, Deltan nega relação com juíza
Deltan Dallagnol disse não ter relação com a juíza que condenou Reinaldo Azevedo em ação movida pelo procurador, contrariando o colunista da Folha. A14

Diplomatas de Maduro viram 'personae non gratae' para o Brasil
A19

JHSF
apresenta

A
EXPANSÃO
DO
COMPLEXO
CIDADE
JARDIM

FASANO
CIDADE JARDIM

VEJA NAS PÁGINAS
A25, A26 E A27

Messi: Para evitar disputa na Justiça, craque recua e decide ficar no Barcelona **PÁGINA 30**

Adam Przeworski: Autor de 'Crises da democracia' analisa a ascensão de líderes extremistas **PÁGINA 27**



O GLOBO

Irineu Marinho (1876-1925) — (1904-2003) Roberto Marinho

RIO DE JANEIRO, SÁBADO, 5 DE SETEMBRO DE 2020 ANO XLVII - Nº 33.806 - PREÇO DESTE EXEMPLAR NO RJ - R\$ 5,00

COMBATE À COVID-19

Teste de vacina russa produz anticorpos e gera otimismo

Ensaio clínico da fase três já começou na Rússia. Paraná participará com 10 mil voluntários

A revista científica Lancet publicou os primeiros resultados das fases um e dois dos ensaios clínicos da vacina russa contra a Covid-19. O imunizante Sputnik V produziu anticorpos sem efeitos colaterais importantes nos 76 adultos que participaram dos testes. A iniciativa havia sido condenada pela comunidade científica por ter sido registrada para uso na população, em agosto, antes da conclusão dos estudos clínicos.

tíficos. Mas os testes bem-sucedidos e a publicação em revista prestigiada trouxeram otimismo. Especialistas alertam que são dados preliminares e é preciso aguardar o final da fase três, de testagem maciça, iniciada na Rússia semana passada. No Paraná, cujo governo assinou acordo para teste com a vacina russa em agosto, a vacinação de voluntários na fase três deve começar em até 45 dias, após aprovação da Anvisa. **PÁGINA 32**

CONTAGIADOS
4.086.716
PONTE: CONSORCIO DE VEÍCULOS DE RIBESSEIA

MORTOS
125.584

Estatais: reforma administrativa altera demissões

As regras para demissão de funcionários de estatais também podem ser alteradas pela proposta de reforma administrativa que o governo enviou ao Congresso. O texto anula leis e acordos que deem estabilidade aos empregados e valeria para os novos contratados. O tema é alvo de questionamentos na Justiça há anos. **PÁGINA 21**

Juíza censura TV Globo no caso da 'rachadinha'

A juíza Cristina Serra Feijó, da 33ª Vara Cível do Tribunal de Justiça do Rio, atendeu a pedido da defesa do senador Flávio Bolsonaro (Republicanos-RJ) e proibiu a TV Globo de exibir qualquer documento ou peça sobre as investigações da "rachadinha" em seu gabinete na Alerj. Entidades condenaram censura. **PÁGINA 30**

ENTREVISTA/TIAGO MITRAUD

'Extinguir órgão é poder demais para um decreto'

O deputado Tiago Mitraud, presidente da Frente Parlamentar Mista da Reforma Administrativa, elogia a proposta do governo, mas se diz contra o presidente poder extinguir órgão por decreto e defende o fim das férias acessórias de 30 dias de juizes e promotores. **PÁGINA 22**

MERVAL PEREIRA

Aras quer controlar procuradores
PÁGINA 2

MIRIAM LEITÃO

A política na negociação fiscal do Rio
PÁGINA 22

ANCELMO GOIS

Bradesco doa R\$ 50 milhões ao Museu Nacional
PÁGINA 16

EURIPEDES ALCANTARA

Riqueza a favor dos pobres
PÁGINA 3

EM DEFESA DA AMAZÔNIA

Sem crédito para os desmatadores



Presidentes dos três maiores bancos privados do país relataram, em live do GLOBO mediada pela colunista Miriam Leitão, que instituições constroem modelo para rastrear desmatadores e cortar-lhes o crédito. **PÁGINA 24**

Feriadão é desafio na retomada



No primeiro fim de semana prolongado após flexibilização mais ampla, atrações como o AquaRio, o Corcovado e o Pão de Açúcar se preparam para o aumento de visitantes, respeitando o limite de metade da capacidade. O setor hoteleiro está otimista e espera superar a marca de 50% de ocupação. Procura de turistas brasileiros e do próprio estado sinaliza retomada. **PÁGINA 14**

SEGUNDO CADERNO

Museus repensam acervos feitos por exploração colonial

Pressionados por movimentos como o Black Lives Matter, grandes instituições, entre elas o Museu Britânico, confrontam sua herança e buscam meios de contextualizar para o público coleções formadas, muitas vezes, por frutos de ocupações e saques



PREMIOS LUIZ DE ALMEIDA



Revelações de uma atriz e ativista

Aos 82 anos, Jane Fonda conta por que assumiu cabelo grisalho, rejeita a ideia de cancelar artistas que erraram no passado e fala que se arrepende de não ter cedido às investidas de Marvin Gaye. **SEGUNDO CADERNO**

www.correiobraziliense.com.br

LONDRES, 1808, HIPÓLITO JOSÉ DA COSTA, BRASILIA, 1960, ASSIS CHATEAUBRIAND

CORREIO BRAZILIENSE

BRASÍLIA, DISTRITO FEDERAL, SÁBADO, 5 DE SETEMBRO DE 2020

NÚMERO 20.923 • 32 PÁGINAS • R\$ 2,30

Política, mas com humor!

Gregório Duvvier conta como é abordar um assunto que desperta tantos debates acalorados de maneira ácida e descontraída.



PÁGINA 24

Fotos: Reprodução/Video



Tráfico de cobras leva 4 à Justiça

Pedro Henrique, 22 anos, é acusado de chefiar uma quadrilha que negociava animais silvestres. Ele e mais três pessoas — a mãe, o padrasto e um amigo — foram denunciado pelo Ministério Público de manter o esquema. O Correio teve acesso a vídeos que mostram Pedro (E) extraíndo veneno da naja que o picou, além de permitir que colegas atacassem a serpente. PÁGINA 19



Setor Comercial Sul pode ganhar espaço residencial

Um plano de revitalização dessa área central da cidade pode dar nova cara ao hoje decadente Setor Comercial Sul. A ideia, disse o secretário de Desenvolvimento Urbano e Habitação, Mateus Oliveira, é transformar 30% dos prédios do SCS — alguns deles inteiramente desocupados — em moradia. A proposta foi apresentada esta semana ao Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (Iphan) e ao Conselho de Planejamento Territorial e Urbano do Distrito Federal (Conplan). E passará por discussão pública, com a sociedade, antes de ser encaminhada, na forma de projeto de lei complementar, para votação na Câmara Legislativa. Oliveira explicou que não se trata da demolição de edifícios para a construção de unidades habitacionais, mas da transformação de salas comerciais em apartamentos. "O que se imagina é que será uma moradia para jovens que trabalham próximo à região", afirmou.

Ana Rykusa/CB/DA Press



PÁGINAS 17 E 20

Investimentos para criação de empregos no DF

O secretário de Obras, Luciano Carvalho (E), afirma que a pandemia não paralisou projetos da pasta. Ele diz que, só neste ano, foi investido R\$ 1,7 bilhão (mais do que em 2019). "Não temos esse cenário de falta de recursos", destaca.

IBGE abrirá 208 mil vagas ano que vem

O instituto fará processo seletivo simplificado. A expectativa é que o edital saia em março de 2021 e ofereça vagas de níveis fundamental e médio. Os aprovados vão trabalhar no Censo. As contratações serão temporárias.

PÁGINA 9

Tristeza

Antônio Félix Ferrão, pioneiro, morre aos 88

PÁGINA 20

As atrações da oitava rodada

Flamengo em busca da terceira vitória consecutiva, no Maracanã, contra o Fortaleza, e a primeira exibição do Corinthians na casa própria — reabituada, nesta semana, de Neo Química Arena — são algumas das atrações de hoje pela Série A do Brasileiro.

PÁGINA 16

Minerário Junior/CB/DA Press



Fila para ser milionário

Brasilienses correm às lotéricas da cidade para renovar as apostas na Mega-Sena. Acumulados há 10 concursos, o prêmio pode passar dos R\$ 95 milhões. O sorteio será hoje, às 20h. Dá pra fazer uma "fezinha" até às 19h. Um jogo simples custa R\$ 4,50. PÁGINA 21

Vacina russa é segura e gera reação imune

Primeiros resultados de testes clínicos com fórmula desenvolvida para evitar a covid-19 são divulgados a cientistas. Segundo criadores da Sputnik V, ainda não é possível afirmar que ela evita a infecção pelo coronavírus. A resposta poderá sair neste mês. PÁGINA 14

Azitromicina não ajuda contra covid

Estudo brasileiro mostra que o antibiótico é ineficaz na recuperação de pacientes hospitalizados com a doença. Usado contra a pneumonia, o remédio não trouxe benefícios em casos graves do coronavírus. PÁGINA 7

Ana Rykusa/CB/DA Press



Só a inovação salva

Coordenador técnico da Emater-MG, Argileu Martins diz ao CB Agro que a tecnologia faz toda a diferença no agronegócio brasileiro. "Tudo vai virar 4.0", afirma. PÁGINA 9



9 771808 266073

CLASSIFICADOS: 3342.1000 • ASSINATURA / ATENDIMENTO AO LEITOR: 3342.1000 • assinante.df@dabr.com.br • GRITA GERAL: 3214.1166

VerCapas.com.br

(11) 99256.3846

DIÁRIOS ASSOCIADOS

MME / ASCOM .